

Fugas

Índia

Se as cores
tivessem um
país só delas



Londres

Há uma “ilha”
de contrastes
nas margens da
capital britânica

Passaporte

Rita Redshoes
quer regressar
à América



Este Indústria também é espacial

Quase um ano depois do encerramento, o Indústria voltou à vida, pelas mãos de Tó Pereira, o DJ Vibe, e de Merche Romero. Encolheu e transfigurou-se. **Andreia Marques Pereira** (texto) e **Fernando Veludo/NFactos** (fotos) foram ver como é que a casa na Foz quer dar novo fôlego a um pedaço das últimas duas décadas de vida noctívaga portuense

À meia-noite em ponto, são trazidas grades cá para fora. Cá fora é a Avenida do Brasil e do outro lado é o mar que se adivinha; deste lado, são os edifícios que fazem a primeira linha da Foz, no Porto. E neste portal largo - de uma galeria comercial - está a entrada para uma das mais míticas discotecas da cidade, que, depois de quase um ano de portas fechadas, reabriu com alguma pompa e circunstância no dia 10 de Junho.

Hoje é sábado, o Indústria voltou "à noite" dois dias antes, para mais um capítulo de uma vida já com mais de duas décadas. "Tem 22, 23 anos, não estou bem certo", avança Tó Pereira, o novo proprietário (com Merche Romero) - uma aliança óbvia, quase diríamos: uma casa mítica aliada a um dos mais míticos DJ nacionais. Sim, porque Tó Pereira responde pelo nome DJ Vibe, quando entra na cabina de som. Esta noite não sabe se o fará (nós, confessamos, não ficamos para ver). "Talvez", sorri, "é a vantagem de ter uma casa".

Por enquanto, é o DJ Paul Day que assegura a música; até porque ainda é "cedo" - são duas horas, a noite mal começou no Indústria, o clube que Tó Pereira sempre quis ter.

É aos poucos que vai chegando gente aqui ao Indústria, uma "cave" na Foz, com entrada por ampla escadaria de madeira brilhante - a mesma que segue por todo o espaço. Um casal, outro casal, dois amigos, um grupo de amigos (onde não faltam umas "calças-bandeira" dos Estados Unidos e uma voz a gritar "África") vão preenchendo o espaço, que no início da noite tem mais funcionários (elas parecem ter

nos micro-calções a farda oficial) do que clientes. É a altura ideal, imaginamos, para observar este invólucro - não é à toa que falamos em invólucro: o clube é quase uma caixa dentro da estrutura do prédio, como explica Tó Pereira. Tem várias peles - três, para sermos precisos -, e a cada nova pele, encolhe. Não o saberíamos dizer, mas é Tó quem o afirma. Acreditamos, claro, mas pensamos que mais meio metro em cada parede não faz assim tanta falta.

É amplo, este clube que mostra um design despojado, assinado por Nini Andrade Silva. "É industrial-espacial", define-o Tó Pereira. É fácil perceber porquê. A madeira do chão é complementada com muito metal, que surge, discreto, nos balcões e na enorme cabina do DJ (que mais parece a ponte de uma nave espacial). Na maior parede do clube, duas ventoinhas gigantes embutidas fazem-nos quase pensar que estamos dentro de uma máquina. Mas não há aqui a frieza asséptica dos cenários espaciais, nem a frieza rude dos cenários industriais: tudo está em equilíbrio para proporcionar o que mais importa, afinal - "o conforto", diz o proprietário. Por isso, há reposteiros de veludos e até uns sofás-ilhas - estão na zona "de estar"; mais, estão no espaço reservado da zona de estar, rodeados por cordões, de veludo também. Por isso, há um cuidado jogo de luzes, desenhado para cada noite - hoje, azuis e rosas, às vezes lilases.

Qualquer semelhança entre este novo Indústria e o anterior não é pura coincidência, é pura obrigação. "Não pudemos mudar a localização das casas de banho, a escada de emergência está no mesmo sítio, mas agora invisível, os bares também ocupam os mesmos lugares", explica Tó Pereira. Tudo o resto foi "totalmente mudado".

O visual é todo novo, portanto, na disposição mudou-se o que se pôde. "Esta coluna, por exemplo",

aponta o nosso guia, "não a pudemos tirar [e ela tira a vista toda]. Mas a cabina do som alterou todo o design do espaço". Antes, o espaço era uno e, ao fundo, a cabina do som surgia "como um palanque". Agora, a cabina divide o clube: há a zona de estar, com um bar, e a pista de dança, um bar de cada lado e a cabina de som num dos topos, entre dois pequenos lanços de escadas.

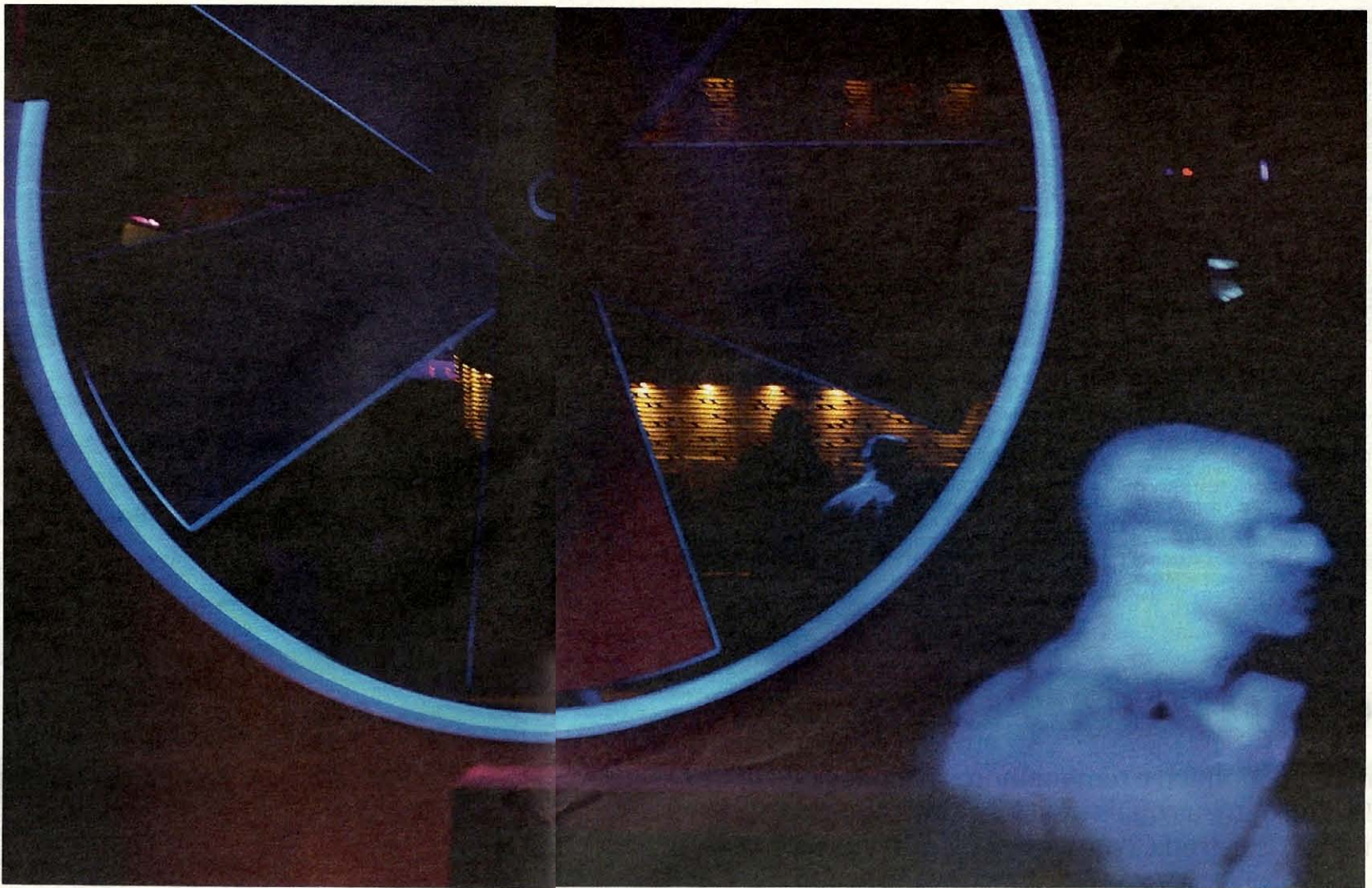
Arquitectura cuidada

A cabina seria uma ilha, não fosse tão sólida, um bloco desenhado à medida do proprietário - e uma das peças mais complicadas, e especiais, de todo o espaço ("a arquitecta teve muito cuidado, sendo uma casa minha, a cabina tinha de ser diferente").

O exterior é revestido a metal, cortado a laser e transportado em peças, a montagem é de redondos sobre redondos, "cortes muito complicados", explica Tó Pereira - o projecto não é dele, mas o conceito é-o e ele acompanhou todo o processo de concretização. E depois da estrutura, o equipamento técnico.

O sistema de som não é novo em Portugal - já há "dois ou três" semelhantes -, mas é exactamente o que Tó Pereira pretendia. "Não é muito som, mas muita qualidade", que permite dançar e conversar na pista perfeitamente (não estamos na pista, estamos perto, e escutamos claramente a voz baixa e pausada do nosso interlocutor).

Não chegamos a saber se este Indústria renascido é a concretização do sonho de Tó Pereira, mas sabemos que em 27 anos de "noite", recebeu várias



Indústria Club
Avenida do Brasil, 843, loja A-F
Foz, Porto
www.industria-club.com
Horário: De quinta-feira a sábado e
vésperas de feriados, das 00h00 às
06h00.
Preços: fino a €4; bebidas brancas
a €6; água a €2; vinho a copo a €3;
flute de champanhe a €8; flute de
espumante a €5; garrafa de vinho
a €15; garrafa de champanhe a €75;
garrafa a espumante a €50.
Entrada: €10 (com direito a uma
bebida).

propostas para se lançar no negócio. Em vários locais. Mas tinha de ser o Indústria. Por razões de ordem "sentimental" - "sempre tive boas noites aqui. Vinha e divertia-me muito, o público da Foz é muito especial" -, e de ordem técnica - "sempre achei o espaço ideal para clube. É o pé direito, a disposição...". Um clube mesmo, não uma discoteca, sublinha Tó Pereira. E muito menos uma mega-discoteca. "Sempre soube que se algum dia avançasse para uma situação destas (comprar um espaço), queria um local mais reduzido, para termos bom ambiente".

No Indústria, a lotação não ultrapassa as 500 pessoas. Ninguém se queixa. Foi sempre assim ao longo da história da casa, outro factor que não deixa Tó Pereira indiferente. Fala na "mística" do local, daí a "responsabilidade acrescida" que sente. Fez mesmo questão de manter o nome e, pelas reacções na inauguração, com frequentadores do "passado", por enquanto esta é uma aposta ganha. "As expectativas eram altas e foram cumpridas".

Mas a inauguração com os amigos da casa (e dos proprietários)

já passou, e agora o desafio é a gestão do público. E aqui, o factor perturbador é o DJ Vibe e o seu grupo de seguidores - não é o tipo de clientes que o Indústria espera ter, que é, a saber, um segmento de pessoas mais velhas (a partir dos 25 anos,) da classe média-alta. Tó Pereira tem noção de que vai ser "complicado", haverá "curiosidade para conhecer o espaço" e, por isso mesmo, sublinha que o DJ Vibe não é o DJ residente do Indústria. Terá, isso sim, uma residência mensal (e, já vimos, poderá improvisar sempre que lhe apeteça).

O DJ Paul Day é o residente, Miguel Quintão fará uma ou duas noites por mês. Depois, haverá convidados nacionais e internacionais - incluindo para "live acts" ("o espaço está preparado, haverá surpresas nesse sentido").

Na música, sem surpresas, o house será a religião. Sem ortodoxias, porém. A ideia é que se dance, dance, dance e para tal puxa-se de toda a cartola da electrónica, rock, pop e, até, por exemplo, bossa nova. Tudo para dar novo fôlego a um pedaço das últimas duas décadas de vida noctívaga portuense, que viu o seu brilho esbater-se com o passar dos anos. De local de peregrinação, passou a ser mais um na variedade de clubes que invadiram a cidade - voltará a ser meca?

Chegar cedo e tarde sair

As portas abrem à meia-noite, e demora a encher. Tó Pereira quer contrariar essa tendência, de as pessoas "chegarem tarde". É um propósito, à procura de meios para se cumprir. "Se calhar, não haver consumo obrigatório até determinada hora e proibir a entrada a partir de certa hora". "Talvez esta não seja a melhor altura para o fazer", reflecte, "o Verão puxa para as esplanadas". Mas, na "rentrée", esse será um hábito para enraizar - chegar cedo e tarde sair. De uma maneira ou de outra.

Brindes vînicos

Não é habitual em clubes, até porque o público nacional permanece avesso às várias tentativas de o introduzir nestes ambientes menos tradicionais, mas, no Indústria, é possível beber vinho. É no bar da "zona de estar" que a proposta surge, acompanhada de champanhe e espumante. Há a copo ("flute") e a garrafa: vinho branco e tinto Defesa, verde da Quinta da Aveleda; champanhe M&et et Chandon e espumante Esporão.

Flashes

Radio live transmission
Os vînis nas paredes não enganam: estamos no lugar certo, e esse lugar é o Rádio Bar. Durante anos, esteve a mirar Gaia, ali junto ao rio Douro. Depois fechou. Agora, voltaram às "emissões" (e, sim, Joy Division continua a fazer parte da casa), ali na Praça Filipa de Lencastre, no número 178. Por enquanto, só abrem de quinta-feira a sábado, mas espera-se mais: em horário e espaço (há um primeiro andar a aguardar ocupação).
www.myspace.com/radioporto

Saul Williams em "spoken word"
A poesia está nas ruas e Saul Williams no MusicBox. É a segunda edição do Festival Silêncio e o músico, poeta, escritor (e ficamos por aqui) norte-americano vem mostrar porque é uma referência da "spoken word" e incontornável no "poetry slams". "The Inevitable Rise and Liberation of Niggy Tardust" (álbum-parceria com Trent Reznor) deverá aparecer na próxima sexta-feira (dia 25), para uma noite de muitas palavras - com consciência.
www.festivalsilencio.com; www.musicboxlisboa.com



Bar lá fora

Bar Milán
Cidade do México (México)
Não estivéssemos na Zona Rosa da Cidade do México e o Bar Milán seria um verdadeiro chamariz para o olhar. Não que ele passe despercebido, no seu rosa a fugir para o salmão - mas, afinal, estamos no México e estas não são as cores mais saturadas que vamos encontrar. No entanto, é inegável, neste cantinho da maior cidade do mundo, o Bar Milán é uma verdadeira tradição - e atracção: actores de cinema e teatro são assíduos e com eles vêm os "hipsters" da cidade, que fazem do bar uma festa permanente. Que na verdade é um milagre, muitos milagres, para sermos exactos - e esta é outra curiosidade do bar -, uma vez que "milagro" é a moeda oficial do Milán. A porta, os pesos são trocados pelos "milagros" que vão pagar as margaritas, as bebidas-assinatura do bar que surgem em várias declinações e são as melhores da cidade, dizem. A música começa no rock, passa pelo pop, hip-hop, electro-funk e não desdenha do techno. O que for necessário para que o ambiente nunca esmoreça.

Bar Milán
Calle Milán, 18
Cidade do México, México
Tel.: (+55) 5592 0031
Fax: (+55) 5592 0091
Horário: de quinta-feira a sábado

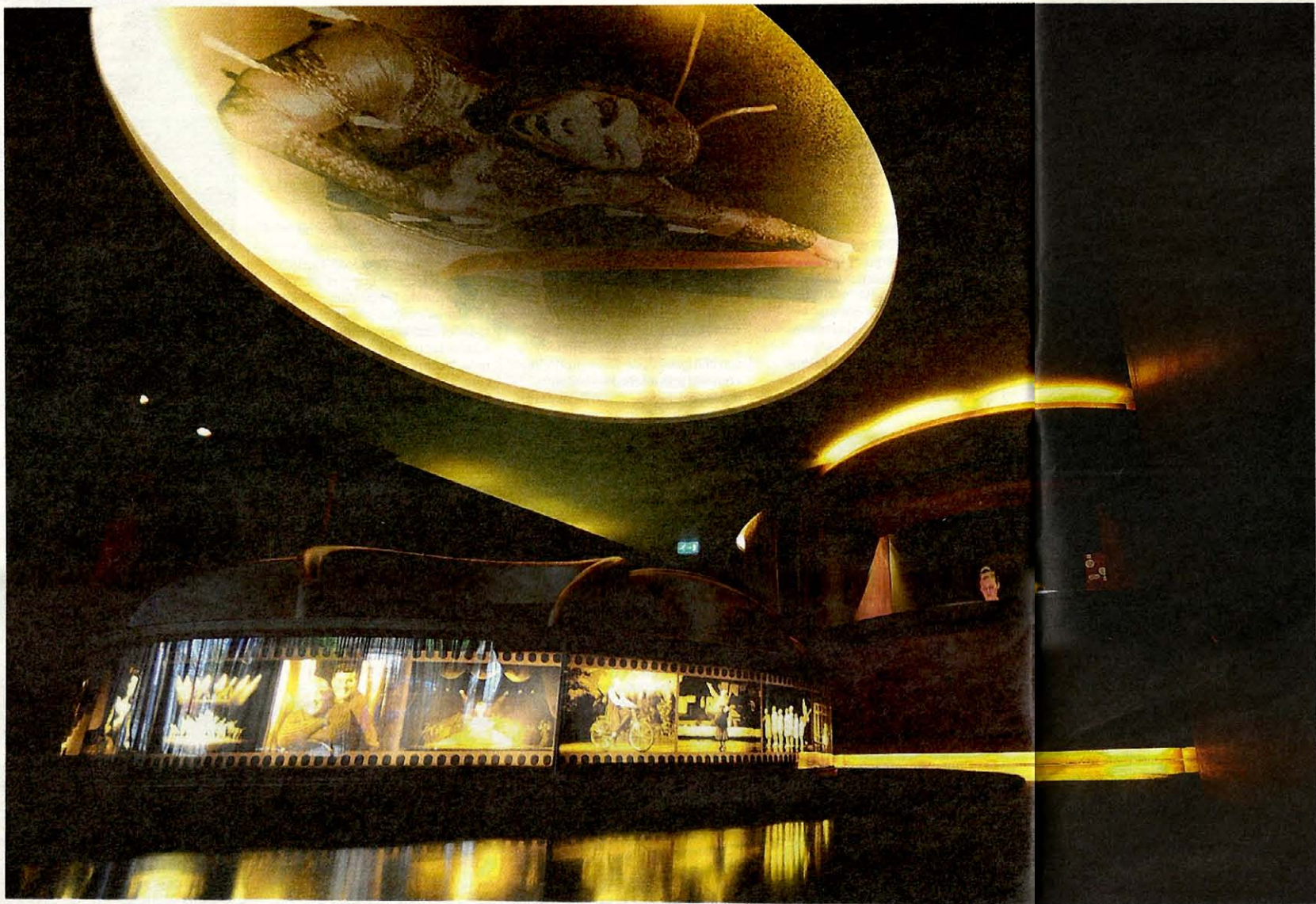
MARTINI

la Vie en Rosato

MARTINI ROSATO: Mais fresco e frutado.

MARTINI é uma marca registada. Seja responsável. Beba com moderação.

Espectador, actor ou encenador, os hóspedes do Hotel Teatro podem fazer muito mais do que escolher se querem o quarto na galeria ou na tribuna. **Luísa Pinto** diz que experimentou os três papéis na mais recente



Brincar à Cleopatra no Hotel Teatro

unidade de quatro estrelas do Porto, que ocupa o espaço do Teatro Baquet de trágica memória, e que é a primeira que mereceu a chancela Design Hotel. As fotos são do **Paulo Pimenta**

Quem diz a verdade não merece castigo, e eu devo começar por dizer que entrei no Hotel Teatro sem saber nada da sua história. Às vezes sou tão anti-spoiler nestas coisas de espaços e lugares como com o resto. Como não gosto que me contem o final dos filmes (nem dos livros), também gosto que os espaços me contem histórias. E o Hotel Teatro, uma das mais recentes unidades hoteleiras, de quatro estrelas, na Baixa do Porto, tem várias para contar. Sabia o essencial: que era o primeiro hotel design do Porto (conheço a insignia, e sei de quem escolhe a cidade que vai visitar através deles), e que ocupava o edifício onde há um século existiu o Teatro Baquet - que, por si só, já encerra uma história e tanto, mas já lá vamos. E também sabia outra coisa, que não é essencial



mas também não é propriamente um acessório, antes pelo contrário: que a decoração tinha saído da pena de Nini Andrade Silva. Não era difícil descobri-lo - o cunho da decoradora ressaltava à vista. Logo à entrada, as duas portas, enormes, de bronze. "Seus olhos

Garrett, o dramaturgo português, prepara-nos para o que aí vem. Entramos em cena. Quis o facho do destino que o fogo que queimou o Teatro Baquet fosse aqui, de novo, evocado, e que fosse este o edifício que Alexandra Lopes, neta de hoteleiros portugueses, escolhesse para empreender uma carreira a solo, longe das multinacionais. Um edifício que foi construído como teatro (em 1858), que sofreu um violento incêndio 30 anos depois, e que renasceu das cinzas como edifício de serviços, voltou a transfigurar-se para ser agora, na sua terceira vida, um hotel. E Baquet, o alfaiate-empresário-de-vistas-largas-que-ousou-abrir-no-Porto-uma-sala-de-espectáculos-sem-ousar-pedir-ajuda-ou-subsídios-a-ninguém renasce, de novo, das cinzas. Diz-se que o violento incêndio - continua a ser o acidente mais grave em Portugal na história das casas de espectáculo, provocando

mais de uma centena de vítimas - reduziu tudo a pó em pouco mais de cinco minutos, e que a sua intensidade fez a noite do Porto quase parecer dia. A impressão que temos, no agora Hotel Teatro - as traseiras do Baquet são agora a entrada do Hotel Teatro, pela Rua de Sá da Bandeira, tendo o homónimo teatro como vizinho do lado -, é que o fogo ainda por ali está a arder, com as dominantes cores de ouro e o bronze a aquecer, mas sem queimar. A primeira sensação é a de que vamos ser espectadores. A recepção é parecida com uma bilheteira de um teatro antigo. E o que ali vamos buscar é o bilhete que nos guiará até ao nosso lugar. Neste caso, não é a localização de uma cadeira, mas de um

quarto. Mas continuamos a ter de escolher se queremos um lugar na plateia, na tribuna ou nas galerias - ou seja, se queremos um quarto da tipologia Gallery, Tribune, Audience, Suite Junior, ou mesmo a própria Suite, que terá uma vista privilegiada sobre a Baixa portuense. Mas, logo depois, vemo-nos transformados em actores, a desfilarmos pelos camarins - há cabides com roupas pelos corredores, quase que apetece escolher a indumentária e recriar uma personagem. E muitas das divisórias, quer no interior dos quartos, quer nos espaços comuns, são cortinas que apetece abrir e fechar, como as que escondem ou escancaram o palco. Já estamos em cena.

Espectadores do século passado Aliás, já estamos no Palco, no restaurante situado no piso principal do hotel, logo atrás da recepção. Se escolhermos uma das primeiras mesas, teremos uma plateia a encarar-nos, na gigantesca fotografia-mural, que cobre toda a parede lateral. Alexandra Lopes não tem a certeza de onde foi tirada aquela foto, mas até poderia ter sido de propósito para ali. As vestes da assistência transportam-nos para o século passado, e cada um dos olhares que nos fixam (não é a nós, mas faz de conta, que continuamos a brincar ao mundo do espectáculo...) nos ajudam a mesclar o passado e o presente: não estamos no século XIX, já nem no século XX, e a urbanidade e a contemporaneidade dos elementos que fazem e enchem as mesas recordam-nos bem isso. Ao lado, o Bar Plateia, "urbano e elegante", diz a brochura do hotel, e nós pudemos confirmar. No meio, o Terraço, a evocar a natureza artística do Hotel Teatro, com a iluminação sempre feita por projectores.

A pontuar a decoração surgem também objectos que evocam a vizinhança, ou não fosse este um quarteirão de artes e de teatros. Um dos vizinhos mais activos - está a menos de 500 metros - é o Teatro Municipal Rivoli, por agora concessionado ao encenador Filipe Lázaro. São retiradas de algumas das suas encenações as imagens que surgem no sofá-bobine que está na recepção. Uma das grandes vantagens deste hotel é, aliás, a sua localização. Em plena Baixa do Porto, deixa a uma distância de minutos o Coliseu, o Rivoli, o Teatro São João e até o TeCa (Teatro Carlos Alberto), se quisermos continuar, em exclusivo, no mundo das artes de palco. Chegamos ao quarto, podemos agora ser nós os encenadores. Cada hóspede reinventará as histórias, os dramas e as comédias que lhe aprouver. Eu cá, quando entrei no meu, confesso que me fiz transportar para o antigo Egito e para a dramaturgia de Shakespeare. Aquela banheira situada no meio do quarto (um bónus, para além do chuveiro por detrás das cortinas) estava mesmo a pedi-las: um banho à Cleopatra, com ou sem Marco António. Trata-se da iluminação (os candeeiros estão suspensos,



Hotel Teatro
Rua de Sá da Bandeira, 84
4000-427 Porto
Telf: 220409620
Fax: 220409629
www.hotelteatro.pt
Coordenadas GPS: Latitude 41.1466849 Longitude -8.6092136

fazem lembrar os cabos de cena), e esquecemos para já a cama, que está sob uma estrutura a fazer lembrar os arcos de palco. Só faltava mesmo o leite de hurra para encher a banheira... Mas esta foi a história que o Hotel Teatro me contou. Cada hóspede reviverá as suas. Ou então, não. Pode fazer de conta que está, "apenas", num hotel de quatro estrelas, com todas as comodidades que tal implica: a internet sem fios, um televisor LCD, o cofre e o mini-bar, mas também o serviço de quartos, o ginásio e a lavandaria. Mas eu preferi brincar aos teatros. E resgatar a memória do Baquet.

Como ir
Explicar como se chega ao Porto não deveria ser necessário, tantas são as possibilidades, e tão conhecidos são os caminhos. Será melhor explicar como se chega ao Hotel Teatro. Quem vem de comboio, saindo na Estação de São Bento, só precisa de vir à direita, e subir cerca de 300 metros da Rua de Sá Bandeira. Se vem de avião, pode contratar um serviço de transfer ao próprio hotel, ou então apanhar o metro directo até à estação da Trindade, ou Avenida dos Aliados. Se vem de carro, siga as placas até à Avenida dos Aliados, e no fundo da Praça da Liberdade, contorne à esquerda para subir a Rua de Sá da Bandeira. O hotel tem parque de estacionamento gratuito para os hóspedes.

VIVE A PAIXÃO PELO FUTEBOL

Regista o ambiente de festa, as emoções fortes e os momentos-chave dos jogos de futebol em Portugal ou pelo mundo.

Tens até dia 04 de Julho para participar

Faz upload das tuas melhores fotos no **Pikeo** e, para além de poderes ser destacado neste site de fotografias do **Portal Clix** e na revista **O mundo da Fotografia Digital**, a **Papa-Légua** poderá oferecer-te um fim-de-semana de aventura no nosso país ou um workshop de fotografia de viagem.

Iremos premiar as 3 fotografias vencedoras com actividades Papa-Légua



1º
LUGAR

- Fim de semana Papa-Légua para duas pessoas
- Assinatura de 12 meses da revista O mundo da Fotografia Digital



2º - 3º
LUGAR LUGAR

- Workshop Papa-Légua de Fotografia de Viagem para 1 pessoa
- Assinatura de 6 meses da revista O mundo da Fotografia Digital

pikeo.clix.pt

pikeo

Fotografia Digital

clix

28 • Sábado 19 Junho 2010 • Fugas

Fugas • Sábado 19 Junho 2010 • 29